

Quantas aulas tem na aula de Helena Theodoro? Por uma poética da presença, da partilha e do reconhecimento

Cidiane Vaz Melo⁶⁹

Resumo

Neste texto, escrito em tom poético, são narradas as ressonâncias afetivas produzidas a partir de uma conferência da Profa. Dra. Helena Theodoro no salão nobre do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais por ocasião da abertura do semestre e da disciplina de História da Filosofia no Brasil III oferecida pelo Prof. Dr. Rafael Haddock-Lobo, coordenador do Laboratório Encruzilhadas Filosóficas. A autora, uma mulher afro-brasileira de origem periférica e também professora universitária tece reflexões sobre a trajetória na universidade, ainda bastante marcada por violências e exclusões. Neste texto é evocada uma ética pautada numa poética da presença, da partilha e do reconhecimento como formas de produção de vida e de encantamento na universidade em uma narrativa que enlaça aspectos singulares e compartilhados, compostos por experiências de investimentos, de dores, de muitas lutas e também de esperança.

Palavras-chave: poéticas da partilha; reconhecimento; pertencimento; vida acadêmica; encruzilhadas.

Abstract

In this text, written in a poetic tone, the affective resonances from a lecture by Prof. Dr. Helena Theodoro in the main hall of the Institute of Philosophy and Social Sciences on the occasion of the opening of the semester and the discipline of History of Philosophy in Brazil III offered by Prof. doctor Rafael Haddock-Lobo coordinator of the Philosophical Crossroads Laboratory. The author, an Afro-Brazilian woman from the periphery and also a university professor, reflects on her trajectory at the university, which is still heavily marked by violence and exclusion, and evokes an ethics based on a poetics of presence, sharing and recognition as forms of production of life and enchantment in this context in a narrative that links unique and shared aspects composed of experiences of investments, pain, many struggles and also hope.

Keywords: poetics of sharing; recognition; belonging; academic life; crossroads.

Introdução

O texto a seguir foi produzido a partir da experiência de um encontro e de tudo o que, presentificado, marcado na carne, na lágrima que escorre do coração apertado, no batuque que faz o corpo vibrar e na polifonia de afetos, se produziu a partir de uma aula oferecida pela Dra. Helena Theodoro⁷⁰. A conferência se deu no dia 13/09/2022, no Salão Nobre da UFRJ, mais especificamente no prédio do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e marcou a abertura do semestre e da disciplina de História da Filosofia no Brasil III oferecida pelo Prof. Dr. Rafael Haddock-Lobo coordenador do Laboratório Encruzilhadas Filosóficas.

⁶⁹ Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio; Professora Adjunta Universidade Federal Fluminense (UFF). Contato: cidianevez@gmail.com.

⁷⁰ Quem é Helena

Neste dia, cheguei um pouco antes do horário de início da aula e fui encontrar o professor Rafael em sua sala no Departamento de Filosofia. A dra. Helena, ativa e ao mesmo tempo muito acolhedora conversava alegremente com seus sobrinhos⁷¹ – o Baba Adailton Moreira da Costa e seu irmão Aderbal Ashogun Moreira. Eu a princípio, cumprimento a todos e me contento em ficar mais afastada observando até que me aproximo e puxo conversa confessando que tinha muita admiração por todos e que estava muito feliz de estar ali participando daquele momento. A conversa continua alegremente com tópicos que já não me lembro mais, até que Rafael entra na sala e avisa que o salão já está disponível. Todos descemos e no salão nobre são feitos os anúncios para evocar a presença de Helena. Ela anuncia que seus sobrinhos participarão da aula com ela. Grande parte da aula transcorre com os três de mãos dadas. A cena, é por si só detentora de uma mensagem polifônica e impactante. Três pessoas pretas, extremante capazes, transeuntes de caminhos compostos por muitas pessoas, se dão as mãos. Dois homens pretos incapazes de recusar o lugar convocado por Helena, a apoiam e a reverenciam. A plateia, formada eminentemente por pessoas pretas e periféricas espera ansiosa por palavras que pudessem tirá-los da impactante cena que ecoava vozes de fantasmas, de esquecidos, de deixados de lado e as vozes de nossos próprios corações. É com esta cena que eu gostaria que você, meu interlocutor, mantivesse retida com você enquanto estiver lendo as minhas palavras. Quero preveni-lo sobre o que encontrará aqui. Trata-se de notas escritas enquanto me via tomada de emoção. Trata-se do relato de um encontro e de testemunho. Trata-se daquilo que eu, nesse encontro, tomei como aulas, e daquilo que eu gostaria de dizer para os meus e, muitas vezes, não digo.⁷² Trata-se daquilo que, feminino, em trânsito num território movediço, escuta, diz e se presentifica juntamente com uma multidão composta por aqueles que me acompanham. Meus guias, meus fantasmas, meu corpo, meus pensamentos, meu povo, meus sobrinhos, meus amigos, meus inimigos, meus assombros e minha esperança.

Quantas aulas tem a aula de Helena Theodoro?

⁷¹ Parentesco afetivo, poético e simbólico e, segundo o Babá Adailton Moreira neste encontro, foi firmado a partir das palavras de sua mãe, Mãe Beata de Iemanjá, junto a ele e aos seus irmãos e enlaçado entre elas: “*Helena é minha tia, porque minha mãe me disse que era*”.

⁷² Faço referência à peça teatral *Mãe de Santo* (2022) – Argumento de Helena Theodoro e direção de Bruno Mariozz e Vilma Melo - que aborda inúmeras respostas que as personagens, mulheres afro-brasileiras nas mais diversas condições, gostariam de ter dito para seus opressores em situações de racismo. O monólogo enfatiza o trabalho de digestão psíquica e social a ser feito em relação ao peso monumental experimentado pela diferença entre o que se gostaria de ter dito nestes momentos como respostas a essas violências e o que foi possível dizer. Frente às inúmeras situações opressivas e injustas, frequentemente apenas o silêncio e a presença se fizeram audíveis.

Essa foi uma das inúmeras perguntas com as quais me vi tomada em meio a um sentimento difícil de descrever, localizado entre a alegria de não me sentir só e o reconhecimento de dores profundas ligadas as experiências de exclusão e racismo no cotidiano, incluindo na vida acadêmica.

Desde que me descobri professora, passei a intuir que uma aula deveria ser um encontro sem medo. Um encontro, ainda que marcado por conflitos, tensões, disputas, fosse livre do medo e da vergonha. Nos devaneios, esse espaço potencial, protegido, do entre, do vir a ser, deveria ser transformador e testemunha de palavras, de presenças, de cores, de caminhos, de pertença e de reconhecimento partilhado. Esse desejo passou a ser minha meta na relação com os meus alunos, mas reconheço que foi uma relação muito pouco experimentada por mim na minha própria trajetória acadêmica até aqui.

Penso que uma aula deve ser por si só um rastro, uma pegada, para quem busca saber de si ir desbravando caminhos internos e externos para poder falar em primeira pessoa, dar notícias da jornada vivida e criar espaço de testemunho que só pode ser afiançado na presença e no reconhecimento de um outro, de muitos outros, de uma comunidade. Uma aula pode ser um espaço de encantamento e enlaçamento dos afetos e investimentos que permitem aos semelhantes em suas diferenças radicais serem tomados por sobrinhos, filhos, netos, como seres dignos de amor e de vida. Tenho percebido o quanto a relação com uma academia embranquecida e elitizada é violenta com quem não tem a sua cor, a sua origem e tantos outros predicados inalcançáveis a maior parte da população brasileira, justamente por espólio e apropriação. Nada menos que isso.

O que presenciei no encontro com Helena foi o testemunho de um caminho forjado no reconhecimento de pertencimento a povos ancestrais, dos laços, daquilo que foi recebido e do compromisso com a comunidade. Foi a pedra de Exu, jogada ontem e mirada no futuro. Nesse encontro, testemunhei o quanto o caminho é poderoso e que a caminhada só tem sentido quando acompanhada, partilhada, trocada, comemorada, dançada.

Penso que uma aula se faz com presença, com disponibilidade para responder perguntas, com a possibilidade de ofertar escuta, o olhar e a própria história como alimentos. Trata-se de esperar. Ninguém se faz sozinho e nessa forja, que amalgama muitas histórias, muitos tempos, muitos sonhos, sentimos que não estamos sós, sobretudo frente a sentimentos encruzilhados de comunhão com dores profundas, ancestrais que reverberam e reavivam o

sentimento de não ter chão, de não ter terra própria, de ser forçado a se retirar de onde se tem também laço e afeição⁷³.

Mas, o caminho é poderoso e como é importante poder dizer sobre ele para ouvidos que saibam ouvir! Se fazer escutar é tarefa árdua, pois é caminho que só se faz a partir da retomada das pisadas daqueles que nos antecederam. Só podemos nos reconhecer e dar nome a nós mesmos na medida em que o outro, ou melhor, muitos outros podem nos reconhecer como seres dotados de dignidade, nos nomear e criar condições para que possamos contar nossas histórias, brincar, sorrir, partilhar e existir com o sentimento que a vida vale a pena ser vivida. Trata-se de tarefa de reconhecimento, de partilha, de criação de condição de vida, de vínculos, de enlaçamento. Há de haver generosidade nesta tarefa. Há de haver alegria e uma dose de doçura. Ver Helena, próxima dos seus quase inacreditáveis 80 anos, respondendo tão generosamente as perguntas dos alunos foi aula!

Ver Helena ali, acompanhada de seus sobrinhos cantando, tocando e dançando para os orixás é vislumbre de uma academia preta, não apenas no quantitativo, mas numa lógica que inclua o coletivo, a comunidade, o ancestral, as dores atlânticas e sofrimentos oriundos da perda da terra, dos matos e, muitas vezes da própria condição de humanidade. É também notícia que apesar dos retrocessos avançamos e, juntos, devemos continuar lutando por nós e pelos nossos. A presença que acolhe, que inclui, que partilha e vivifica é o que, de fato, torna nobre qualquer lugar. É nessa perspectiva o barracão da escola de samba, o barraquinho da favela ou o auditório de universidade se alinham.

Aprender é também tarefa afetiva, eis mais uma aula! Encontro potente é convite para entrar em comunhão com barcos atlânticos, matas, barros e territórios ribeirinhos. É um convite a acolher, fortalecer, sustentar e avançar. É política de saúde mental na academia. É cuidado de si, que só tem sentido no enlaçamento, no entre, naquilo que fiado no ontem dispara em direção ao futuro. É também leveza de borboleta e pisada firme de búfalo que marca o chão e faz pegada. Quantas aulas tem a aula de Helena Theodoro? Inúmeras! E digo isso em primeira pessoa! Votei pra casa emocionadíssima ao som de Martinho da Vila “*Vamos renascer das cinzas; Plantar de novo o arvoredo; Bom calor nas mãos unidas; Na cabeça de um grande enredo...Tão bonita a nossa escola e é tão bom cantarolar; lá ra iá, lá ra iá..*”. e dialogando com minhas próprias palavras que deixo registradas aqui. Palavras precisam ser aninhadas pela

⁷³ Quantas vezes a academia nos convida a nos retirarmos de um lugar que também é nosso? Quantas vezes, ela não nos lança cinicamente as perguntas ouvidas por mim tantas vezes: “*Você não seria mais feliz em outro lugar? “Você está perdida por aqui?*”

presença. É a presença que faz rastro em nós, que dá materialidade às palavras, que minoram a solidão e reavivam a esperança.

*Palavras*⁷⁴

Reúno aqui as palavras que estão em ebulição

Fervendo e voláteis dentro de mim

Quando encosto a caneta no papel

Elas mudam de estado, pingam, gotejam

Escorrem nas lágrimas que recolhidas dos lugares mais recônditos do meu corpo

Faço verter pelos meus olhos que ficam embaçados

E passam a ver o mundo um pouco melhor

Essas palavras me dão esperança de um dia escrever a mim mesma

Rabiscar o meu nome e dar contornos ao meu corpo fugidio e fugaz

Com as palavras entrelaço memórias fragmentadas

De muitos tempos e espaços que se sobrepõem e já nem existem mais

Com as palavras faço amor com homens, mulheres e comigo mesma

Com elas faço gemidos, gargalhadas e gritos

Com elas invento quem eu sou

E desenho na areia da praia quem eu quero ser

Com uma palavrinha à toa que se materializa na folha

Me agarro à vida

Revogo um contrato de morte

E já não sou tão só

Referências Bibliográficas

⁷⁴ Poema autoral.

Haddock-Lobo, R. Abre caminho. Assentamentos de metodologia cruzada (Coleção X). Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2022.

KÄES, R. Um singular plural. A psicanálise à prova do grupo. São Paulo: Edições Loyola, 2011.